

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
CURSO DE TEATRO

**SOBRE SER PROFESSOR DE TEATRO: DESAFIOS DOS
ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS.**

Daniel Mousinho Réges

Manaus

2022

Daniel Mousinho Réges

**SOBRE SER PROFESSOR DE TEATRO: DESAFIOS DOS ESTÁGIOS
SUPERVISIONADOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade do Estado do Amazonas, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciado em Teatro, sob a orientação da Profa. Dra. Gislaine Regina Pozzetti.

Manaus

2022

Daniel Mousinho Réges

Sobre ser professor de teatro: desafios dos estágios supervisionados.

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Teatro da Universidade do Estado do Amazonas, julgado adequado para obtenção de título de Licenciado em Teatro pela ESAT, conforme aprovação da seguinte banca avaliadora:

Data: / / .

Profa. Dra. Gislaine Regina Pozzetti
Orientadora

Profa. Dra. Eneila Almeida dos Santos
Membro Titular da Banca

Profa. Ma. Francenilza Viana da Silva Souza
Membro Titular da Banca

Dedicatória

Dedico à minha família pelo total apoio a essa caminhada vitoriosa em especial minha mãe Iraide Mousinho e meu saudoso pai José Rodney Gonçalves Reges. Dedico também a minha genial professora e amiga carinhosamente chamada de Gigi que também é minha orientadora enfim, muitíssimo obrigado a todos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida a minha família aos meus amigos em especial Ivy oliveira, Valminha que sempre se fizeram presentes me ajudando nessa caminhada.

Meus agradecimentos aos colegas de sala que me proporcionaram que a caminhada até aqui pudesse ter sido mais amena e prazerosa aos professores que sempre fizeram o possível para garantir o aprendizado a todos nós agradeço a minha instituição e a todos que fazem a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), ser essa referência no ensino de qualidade, a todos o meu muitíssimo obrigado.

Por fim e não menos importante agradeço incondicionalmente a minha orientadora Gislaine Regina Pozzetti, pela sua dedicação compreensão e por ter confiado na minha capacidade para chegar até aqui. Obrigado a todos sem vocês não seria possível chegar à realização desse sonho.

SOBRE SER PROFESSOR DE TEATRO: DESAFIOS DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS.

Daniel Mousinho Réges¹
Profa. Dra. Gislaine Regina Pozzetti²

RESUMO

Este artigo trata-se de um relato de trajetória sobre a formação docente, em especial a realizada no Estágio Supervisionado Obrigatório em Teatro, das brincadeiras de infância até a escrita do Trabalho de Conclusão de Curso. O objetivo do trabalho é ressaltar a jornada no e as ressonâncias na formação do professor de teatro que escreve esse relato. É um relato, cuja metodologia advém da pesquisa-ação, em que dúvidas e estratégias foram associadas a vários recursos didáticos. Com base nos conteúdos trabalhados nos três estágios supervisionados, a experiência permitiu conhecer as peculiaridades da docência, dos contextos sociais e educativos, que colaboram para a práxis educativa que se almeja quando do término do Curso de Licenciatura em Teatro.

Palavras-chave: Teatro; Estágio Supervisionado; Professor.

ABSTRACT

This article is an account of the trajectory of teacher training, especially that carried out in the Mandatory Supervised Internship in Theater, from childhood games to the writing of the Course Completion Work. The objective of the work is to highlight the journey in and the resonances in the formation of the theater teacher who writes this report. It is a report, whose methodology comes from action research, in which doubts and strategies were associated with various didactic resources. Based on the contents worked in the three supervised internships, the experience made it possible to know the peculiarities of teaching, of the social and educational contexts, which collaborate for the educational praxis that is desired at the end of the Degree in Theater Course.

Keywords: Theater; Supervised internship; Teacher.

¹ Acadêmico do Curso de Teatro da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: dmr.tea@uea.edu.br

² Professora adjunta do Curso de teatro da Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Doutora em Tecnologias da Inteligência e do Design Digital – PUC/SP, Mestre em Letras e Artes – UEA, Especialista em Arte Multimídia – UFAM e Gestão da Educação – UFAM, pesquisadora do Grupo Tabihuni – CNPq. E-mail: gpozzetti@uea.edu.br.

1. Introdução

Quando eu era um garotinho minhas brincadeiras de faz de conta com meus irmãos e primos era ser professor, tínhamos um fascínio por essa profissão. No decorrer da vida cotidiana eu vi algumas peças de teatro, sempre quando eram peças com artistas nacionais que vinham de outras regiões do Brasil ou quando a peça era de um dramaturgo importante, tal qual William Shakespeare. Minha meta para o futuro era ser professor, mas só mais tarde que pude decidir que eu realmente queria ensinar, e estava claro para todos na minha família que seria algo relacionado às artes, por minha sensibilidade nata e inclinação em criar objetos artísticos.

A decisão do meu irmão mais velho em entrar para a Marinha do Brasil teve um papel importante na minha decisão para escolher teatro como meio de vida. No ano de 2009 ele foi transferido para a cidade do Rio de Janeiro e no mês de dezembro peguei férias da fábrica onde eu trabalhava na linha de montagem e, então, sem duvidar comprei passagem aérea e fui ao encontro do meu querido irmão, que a essa altura morava em uma vila militar na cidade e fiquei hospedado na casa dele. Fizemos alguns passeios para conhecer a cidade, não recordo o dia certo que alguns cabos da marinha ganharam entradas para ver uma peça que estava em turnê pelo país, trata se da peça Hairspray. Era um espetáculo musical adaptado, da peça americana de mesmo nome, para o português do Brasil.

O enredo da peça é mostrado pelo olhar sensível da personagem Tracy Tumbled, mostra uma América segregada e intolerante a tudo que era diferente, inclusive a própria personagem por ser gorda e ter o sonho de dançar em um programa de TV. Desse modo a personagem inicia uma luta por aceitação não somente de si mesma mais também pelo fim da segregação na TV. “O tempo estava em transformação nos anos 60 e as pessoas diferente iriam ser aceitas”, essa fala da personagem encheu meus olhos e coração e, nesse momento, decidi que eu só poderia querer para minha vida futura trabalhar com teatro.

No dia 5 de janeiro de 2010 voltei para cidade de Manaus e busquei saber sobre a vida teatral na cidade, que em minha cabeça só se resumia ao Teatro Amazonas e, ao folhear um jornal local, despretensiosamente, vi um pequeno artigo falando sobre o curso de teatro que acabara de ser ofertado pela

Universidade do Estado do Amazonas. Eu entendi que minha total falta de contato com o teatro seria um agravante negativo para minha vida acadêmica, contudo, aprender a fazer teatro direto em uma universidade é uma oportunidade que poucos terão oportunidade. Tive uma chance e não desisti, tive um ano inteiro para me preparar para a segunda turma. Teatro foi tudo o que eu busquei nesse tempo, através do teatro eu poderia falar sobre coisas que o cotidiano não me favorecia por ser tímido e principalmente ser ouvido.

Finalmente, 2011 tão esperado por mim chegou e como esperado fiz uma boa pontuação na prova de modo que fui selecionado ainda na primeira chamada. Escolhi na peça de Shakespeare, *Sonhos de uma noite de verão*, a fala do personagem Robin bom de bico, tradução de Ruth Rocha.

“sou através das idades, na maior das tempestades, em que naufraga o navio, se ofendermos alguém peço que pensem só uma coisa e tudo estará desculpado: imaginem que estiveram dormindo durante estas visões; toda essa história inofensiva não passou de um sonho. Damas e cavalheiros, não se chateiem conosco. Se nos desculparem, vamos nos emendar. E eu, como sou um duende honesto, garanto que se dessa vez escaparmos da língua da serpente vamos tentar fazer melhor da próxima. Boa noite a todos! Sejam todos amigos: venham me dar as mãos, e Robin vai mostrar como se faz para consertar o que não está funcionando bem”. (SHAKESPEARE, 2003, p. 60)

Eu estava tão entusiasmado que os selecionadores me botaram para dentro do curso. Eu estava tão ansioso e empolgado em começar o curso, contudo, o primeiro contato com minha turma foi bem constrangedor, já que eram uma turma de atores da cidade em idade bem avançada para uma faculdade e que diziam que estavam interessados apenas no diploma, ou seja, eles sabiam muita coisa do teatro e não precisavam começar do início que era meu caso, essa situação me deixou ainda mais retraído, pois qualquer coisa que eu poderia falar soaria como bobagem e, eu não poderia passar por um obtuso na frente de todos eles. Escolhi a licenciatura porque no decorrer dos dois primeiros anos tive contato com a docência através dos projetos de extensão e senti que ensinar é a coisa mais maravilhosa que uma pessoa pode fazer.

2. A PRÁTICA DOCENTE NOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

Finalmente eu estava muito ansioso para iniciar o período de estágios já que eu poderia pôr em prática todo o arcabouço teórico obtido até então. Os

estágios foram planejados segundo as metodologias de ensino de teatro de Ricardo Japiassu (2001), Viola Spolin (2008), Ingrid Koudela (2009), ou seja, o teatro como abordagem do ensino de forma essencialista e estética, buscando compreender seus princípios. Segundo Japiassu (2001, p. 28), o eixo dessa perspectiva pedagógica teatral é a compreensão do teatro e linguagem acessível a todo ser humano – e não a apenas a um pequeno grupo de iniciados (profissionais do teatro ou aficionados do teatro amador).

Assim, o teatro como forma de conhecimento direciona minha prática de regência, após os períodos de observação e monitoria dos estágios supervisionados I, II, III e IV.

2.1 Estágio Supervisionado I - Escola Estadual Barão do Rio Branco

A Escola Estadual Barão do Rio Branco está localizada na Avenida Joaquim Nabuco, número 1152, Centro de Manaus - AM. A escola tem um sistema de horário fixo e rígido, a criança que não cumprir o horário de entrada perde o dia de aula, pois não lhe é permitido entrar em sala atrasada. O setor administrativo é flexível com os estagiários de modo que lhe dão voz e credibilidade para expor suas ideias para melhoria da instituição. No recreio não são liberadas todas as turmas de uma só vez; elas estão organizadas de forma que são liberadas para o lanche de acordo com a faixa etária dos alunos.

O Estágio Supervisionado I consistiu em acompanhar a rotina de uma sala de aula do Ensino Fundamental I, que inicia com a primeira série indo até a quinta série. Penso que as turmas iniciais seriam desafiadoras já que é o primeiro contato com uma rotina escolar, também penso que iniciar a vida escolar com apenas uma pequena mostra de teatro faria muito bem para inspirar os alunos durante a vida inteira. Nesse estágio eu cumpri 90 (noventa) horas, divididas em partes iguais, entre observação e regência. A aula iniciava pontualmente as 07 horas da manhã e se prolonga até as 11 (onze) horas, nos dias de segunda, terça e sexta feiras. Iniciei dia 24.04.2017 e terminei dia 02.05.2017.

As primeiras 30 (trinta) horas observei atentamente cada indivíduo que compunha tal turma, crianças mais eufóricas, crianças mais calmas, durante esse período fui analisando, selecionando e adaptando meus planos de aula, de modo que se adequasse de maneira pedagógica e orgânica de acordo com a idade desses alunos que estavam em transição de 5 para 6 anos de idade. Os

alunos iniciam a primeira série do Ensino Fundamental com 5 anos e até o meio do ano todas já completaram 6 anos de idade.

Ao final das 30 horas iniciais comuniquei a professora que a partir desse momento estava iniciando minha fase de monitoria, onde eu poderia dar apoio em sala de aula, isso sim foi incrível, a partir desse momento eu cooperei com a professora ajudando escrever um texto no quadro ou fazendo uma leitura dramática para os alunos. Nesse período cantamos muitas cantigas de rodas e foi o que me salvou mais tarde. Durante a monitoria com a professora nada saiu da normalidade rotineira daquela turma, exceto quando iniciou minha regência, essa era uma professora muito tradicional, então tomei o cuidado de expor para ela previamente o que eu faria durante a minha regência. A maioria das atividades ela aceitou bem a única coisa que ela não gostou foi dos alunos soltas fora das carteiras, isso deixou ela muito aflita por não ter o controle total dos alunos, onde estavam para onde olhavam e se podiam falar ou não.

Na primeira aula foi um pouco desgastante, estar sob a supervisão da professora já que a primeira aula foi de consciência corporal e noção de espaço embutido na brincadeira gato e rato, todo momento a professora interrompia o andamento do jogo para alertar os alunos em não correr em não falar alto etc.

A aula aconteceu, porém não do modo que eu esperava, pois tive muitas interferências da professora. Ao final da aula tive mais uma conversa com a professora, do quanto as interferências dela tolheu os alunos de modo que perdessem a espontaneidade, essencial para o bom desenvolvimento desse jogo. Comuniquei a professora Doutora Eneila Santos responsável pelo estágio supervisionado do curso de teatro na escola Superior de Artes e Turismo. No dia seguinte, a professora Eneila foi a escola durante a minha regência conversar com a professora, supervisora do estágio, sobre a importância da autonomia para o estagiário enfrentar os desafios impostos por situações rotineiras em sala de aula, tal qual contornar uma sala histórica, cheia de crianças correndo de um lado para o outro, sem propósito pedagógico.

Nesse dia eu escolhi fazer a aula de jogo dramático embutido na brincadeira de faz de conta,

Em 1954, Peter Slade publicou o livro Child Drama, baseado em trabalhos experimentais, desenvolvidos durante vinte anos na Inglaterra. Sua tese é a de que existe uma arte infantil, Child Art

Ao definir o jogo dramático ele delimita o campo do teatro realizado com criança:

‘... ao pensar em crianças, especialmente menores, uma distinção muito cuidadosa deve ser feita em drama, no sentido amplo, e teatro, como é entendido pelos adultos. Teatro significa uma ocasião de entretenimento ordenado e uma experiência e uma experiência emocional compartilhada; há atores e público, diferenciados. Mas a criança, enquanto ainda ilibada, não sente tal diferenciação, particularmente nos primeiros anos - cada pessoa é tanto ator como auditório. Esta é a importância da palavra Drama no seu sentido original, da palavra Grega drao - ‘eu faço, eu luto’. No Drama, isto é, no Fazer e Lutar a criança descobre a vida e a si mesma através de tentativas emocionais e físicas e depois através da prática repetitiva que é o jogo dramático. As experiências são pessoais e emocionais, e podem se desenvolver em direção a experiências de grupo. Mas nem na experiência pessoal nem na experiência de grupo existe qualquer consideração de teatro no sentido adulto a não ser que nós impúnhamos.’

Na definição de Slade o objetivo do jogo dramático é equacionado pelas experiências pessoais e emocionais dos jogadores. (KOUDELA, 2009, p. 21-22)

Assim, iniciei a atividade dividindo a turma em dois times, escolhi os educandos mais bagunceiros da turma para ser os capitães, de modo que ao delegar responsabilidade a eles, eles teriam mais foco em fazer acontecer o desenvolvimento da brincadeira. Expus as regras do jogo e iniciamos sob o olhar atento da professora, essa foi uma aula incrível onde me diverti junto dos alunos. Durante o jogo todo, aquele tipo de aula que te deixa cheio de orgulho e ansioso pelo próximo encontro que seria a continuação do jogo dramático.

Na aula seguinte a professora estava muito ocupada com tarefas na secretaria de modo que, eu regi a aula completamente só, dessa vez os alunos estavam apáticos sem vontade de jogar e os alunos que mais contribuíram para o acontecimento do jogo no dia anterior haviam faltado.

Seguindo a ordem dos planos, após o jogo dramático teríamos criação de personagens por meio de desenhos e pinturas mais essa seria uma aula calma para quando os alunos estivessem eufóricas certamente elas cairiam no sono ao desenhar, então, ao invés de prosseguir na ordem dos planos eu decidi voltar a primeira aula por estar muito bem elaborada e não ter acontecido do jeito que eu esperava da primeira vez.

Deste modo, anunciei o jogo gato e rato, bastante conhecido pelos alunos, apresentando todos os itens que compõem o jogo e que diferencia da

brincadeira: “Preparação, Descrição do exercício, Instrução, Avaliação, Áreas de Experiência” (KOUDELA, 2009, p. 41)

Iniciamos com a consciência corporal e os comandos, uma palma todos se movimentavam com a coluna reta gato contra ratos, duas palmas eles experimentavam o campo médio curvando a coluna com bastante atenção para não colidirem uns com os outros e iniciamos os jogos. Nessa hora foi como se ligassem todos os alunos no volume máximo de modo que virou uma correria junto duma gritaria ensurdecadora, eu havia perdido o controle total da sala e a professora nem estava lá para me apoiar. Eu precisava rapidamente reverter essa situação ou a professora afirmaria que eu não tinha capacidade para dirigir uma sala de aula, porém um fleche de memória me recordou das cantigas de roda e como elas respondiam bem a elas eu só precisava de um especificamente “mão na cabeça, mão na cintura, um pé na frente e o outro atrás, agora ninguém pode se mexer estátua”.

Assim que iniciei a canção como que num passe de mágica todos foram se envolvendo como que um contagiasse o outro, todos cantamos em uníssono e ficamos estátua, com todos paralisados eu pude recuperar a atenção e mais uma vez combinar as regras da brincadeira, ainda anunciei que se não houvesse cooperação por parte de todos seria impossível dar prosseguimento à brincadeira tão almejada por todos.

A partir de então, iniciamos a brincadeira com todos brincando incluindo eu e o comando alternava entre todos não ficava só nas minhas mãos desenvolvemos um acordo de quem estivesse comandando tocava no ombro do próximo que seria o comandante seguido da palavra em alta voz “passei”.

Desse modo pudemos fazer uma roda de conversa para comentar como se sentiu do que gostou desgostou no final de tudo deu tudo certo essas foram as aulas as quais enfrentei situações desafiadoras e pude viver essa experiência contribuindo para minha vivencia como futuro professor.

O Ensino Fundamental I, que consiste nas séries de 1° ao 5° ano é adotado em sala de aula a presença de apenas um professor(a) que trabalha de forma polivalente. Meu estágio nesse seguimento ocorreu com alunos da primeira série do Ensino Fundamental sala 1(um) A professora lecionava na escola apenas no turno matutino, sua sala de aula era sempre muito organizada, seguindo o modelo escola tradicional todas carteiras estavam alinhadas em

fileiras, de modo que todos pudessem ter somente a visão privilegiada do quadro branco e da professora que seguia fielmente o livro didático disponibilizado pela Secretaria de Educação, todos os dias ela apresentava uma letra do alfabeto de maneira que todas letras foram apresentadas e bem exploradas, depois seguia para a próxima letra.

2.2 Estágio Supervisionado II - Escola estadual Luizinha Nascimento:

Se o ambiente permitir, pode-se aprender qualquer coisa,
e se o indivíduo permitir, o ambiente lhe ensinará tudo o que ele
tem para ensinar (SPOLIN, 2010, p. 3)

A Escola Estadual Luizinha Nascimento está localizada na Avenida Tarumã sem número, no bairro Praça Quatorze de Janeiro. É uma escola de ensino regular que atende ao público do ensino fundamental e médio. A escola segue o molde ³tradicional de organização, tem um sistema de horários fixos, porém, flexível; o educando pode justificar o atraso e ir para a classe se juntar aos outros educandos e iniciar o dia escolar. Os estagiários devem cumprir o mesmo horário dos educandos exceto quando o horário da aula for em horário mais avançado. Todas as classes são liberadas ao mesmo tempo para o recreio de modo a misturar os educandos maiores com os menores, o que acaba quase que rotineiramente gerando conflitos entre os estudantes.

O Estágio Supervisionado II consistiu em acompanhar o professor por várias turmas do Ensino Fundamental II. com educandos de 6º ao 9º ano. Nesse caso fui estagiário do professor e não da turma como foi no Estágio I.

Com a boa experiência com o Estágio I, esperava estudantes mais velhos, portanto, mais educadas e interessadas nas disciplinas. Nesse estágio eu cumpri 120 horas divididas igualmente entre observação, monitoria e regência. Sendo divididas 40 horas aula para cada seguimento, nesse caso fui bem acolhido pelo setor administrativo da escola, assim como, pelos professores.

Fui junto ao professor para uma turma chamada Projeto Avançar, em que alunos desperiodizados têm oportunidade de, em um ano avançar duas séries; basicamente alunos que estão atrasados no sétimo ano quando deveriam estar

³ Entendemos como Ensino tradicional, aquele em que a práxis do professor está centrada na transmissão do conhecimento em detrimento das experimentações que levem a ele.

no nono ou mesmo no ensino médio. A turma não estava muito com vontade de estudar, analisando pelo modo como estavam quase deitados sobre as carteiras e o jeito preguiçoso como mal responderam o bom dia do professor. Eu, então, me apresentei como estagiário do professor e os alunos mostraram um pouco de interesse em, pelo menos, me observar e tentar me hostilizar comentando um com o outro como a escola é perigosa.

Após minha apresentação escolhi uma carteira de frente com a mesa do professor e simplesmente me acomodei ali, não muito confortável com o assunto abordado pelos alunos, estavam falando sobre drogas e gangues e combinando fumar *blacks* na área da horta da escola onde ninguém frequenta.

O professor os ignorava totalmente e passou a fazer a chamada, os alunos dessa turma respondiam aos que estavam faltando “não veio, está fumando maconha”. Ao fim da chamada o professor escreveu um texto, alguns prontamente passam a copiar, outros nem se importam e permaneceu o discurso paralelo. A primeira impressão é sempre ilusória, digo a mim mesmo, mais tarde naquele dia o professor comenta que são alunos problemáticos, por isso, se atrasaram no estudo; confesso que me surpreendi com esse comportamento, eu esperava um Ensino Fundamental II mais tranquilo, com crianças bagunceiras mais falando sobre assuntos de criança.

Depois dessa classe fomos para uma turma de sexto ano, ali sim tinha uma turma cheia de crianças/adolescentes espremidas em uma sala pequena. Crianças e adolescentes barulhentas e indisciplinadas, contudo, respeitaram de certa forma o professor e a mim, ele fez a chamada disputando quem falava mais alto, ele ou os alunos nessa batalha de quem vence. O professor repetiu a chamada três vezes, eu por um segundo não interfiro e peço para todos se calarem e ouvir o professor, mas me contive pois o professor poderia entender minha atitude como desrespeitosa e eu não poderia criar um clima ruim com o professor que me acolheu tão prontamente como estagiário.

Ao final dessa aula fomos para outra classe onde ele teria aula de religião, o padrão de classes barulhentas se seguia, o professor iniciava com a chamada e texto em seguida, mas isso não impedia que os alunos permanecessem em conversas paralelas, nesse momento entendi que isso se repetiria em todas as aulas e o professor seguia fielmente os textos do livro de artes escolhido pela

SEDUC, usando-o para ter material que possa atribuir notas para os alunos, como a Secretaria de Educação pede.

A partir dessa observação iniciei meus planejamentos de aulas, observando atentamente as turmas, diagnosticando os mais diferentes tipos de comportamentos, dos desleixados até uma única menina que parecia interessada em realmente aprender, não somente artes, mas todas as outras disciplinas.

Meu desafio nesse estágio claramente seria lidar e contornar alunos adictos. Penso que uma aula que envolva todos na classe talvez, de alguma forma, seja algo que os estudantes achem estimulante, então, iniciei meu plano com o objetivo geral seria apresentar para os alunos a linguagem do teatro, que aborda a importância dos elementos para a compreensão do público, e depois improvisações

Então, acompanhado o professor na turma do Projeto Base eu expus minha aula aos alunos, que me olharam de canto de olho e me ignoraram totalmente, nesse momento propus uma dinâmica e, mesmo assim ninguém se levantou demonstrando nenhum interesse em colaborar para o prosseguimento da aula, desse modo me mantive apenas no conteúdo da história do teatro da forma mais interativa que podia, falando uma frase e em seguida perguntado a eles, alguns aderiram, porém, a maioria estava com muito sono para ao menos levantar as cabeças dos braços das carteiras.

Estava claro que aquela turma em especial estava determinada em não facilitar minha vida como estagiário naquela escola, recebi isso como um desafio pessoal, já que eles não gostavam de se levantar e gastarem energia durante a aula. Propus ao professor Jó que fizéssemos leituras dramáticas de uns textos que eu já tinha no acervo pessoal, o livro *A Aurora da Minha Vida*, de Naum Alves de Souza, trata-se de pequenos textos em formatos de cenas de teatro no cotidiano de uma sala de aula, dessa forma, eu daria minha aula e o professor adquiriria material para aferir notas aos alunos adictos.

As turmas de sexto e sétimo anos eram crianças barulhentas e sem disciplina, não demonstravam muito respeito ao professor, porém, aderiram minhas aulas planejadas anteriormente nos planos para essas turmas, tudo ocorreu normalmente exceto pelos momentos que precisava bater na parede para reivindicar atenção.

Para mim, que sempre estudei na rede pública de ensino, lidar com uma escola como essa foi novidade, já que em todas as escolas que, por mais periféricas que fossem, havia um senso de respeito dos alunos para com os professores e direção, nesta escola havia um desrespeito gritante. Nesse momento tive um insight que o objetivo da minha vida seria ajudar crianças com esse tipo de problema e faria isso com ajuda do teatro, tracei um novo objetivo com o estágio já em andamento. O novo objetivo seria contribuir para o acesso e difusão do Teatro como reflexão e encantamento junto aos colegas de classe:

Conscientizar os alunos acerca da necessidade e importância da Arte como exteriorização de sentimentos e valores. o conteúdo ministrado seria a História do Teatro, para tal escolhi o caminho da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa:

A Abordagem Triangular se referiu à melhoria do ensino de arte, tendo por base um trabalho pedagógico integrador, em que o fazer artístico, a análise ou leitura de imagens (compreendendo o campo de sentido da arte) e a contextualização interagem ao desenvolvimento crítico, reflexivo e dialógico do estudante em uma dinâmica contextual sociocultural. Desse modo, dos anos 90 em diante, avançou-se nas reflexões sobre arte e seu ensino principalmente na educação básica. (Silva e Lampert, 2017, p. 90)

Assim, contextualizamos a história do teatro e depois desenvolvemos atividade prática, inicialmente com mostra de vídeos de peças teatrais de diferentes épocas, escolhidas pelo professor: Grécia Helênica, teatro Elisabetano e fatos contemporâneo na política e no mundo. Pondo em movimento a triangularização de Ana Mae Barbosa, para que os alunos possam ver como o mundo influencia a arte e, de que forma influenciou durante esses períodos dando-lhes bagagem para entender o cenário atual e mostrar através de um esquete como os fatos ocorridos no mundo interferem em sua vida como pessoa.

Após a apresentação dos vídeos a turma será dividida em duas equipes que se reuniram por 5 minutos e organizariam um esquete se inspirando nos vídeos. Enquanto uma equipe se apresenta a outra avalia a apresentação, na perspectiva de buscar elementos condizentes aos temas contemporâneos. Finalmente, retornamos ao projeto base com uma nova abordagem na aula de artes, tomei cuidado em não forçar os educandos a participarem, contudo, os

que participavam se divertiam e ainda adquiriam uma nota na média por parte do professor Jó, esse sistema instigou todos a participarem, de modo que apenas um tempo de aula de 50 minutos não foi suficiente para que todos participassem.

A essa altura esses jovens se comportavam de maneira mais interessada, era possível sentir a empolgação deles ao fazer as leituras dramáticas e na aula seguinte demos continuidade a leitura de modo que todos participaram e queriam muito mais a leitura. As leituras foram sistematizadas em três fases, primeiro uma leitura branca onde todos do grupo lia o texto, na segunda fase cada um escolhia um personagem e lhe atribuía um modo de falar e na terceira fase, a leitura se dava com toda dramaticidade nas vozes que o texto pedia, ao final da leitura a turma debatia se a forma como foi mostrada era aceita, onde poderia ser melhorada, testavam novas possibilidades e todos se divertiram inclusive eu, que a essa altura estava bastante orgulhoso do trabalho que sem a ajuda do professor da disciplina de artes da escola, o professor Jó, a aula tão prazerosa e com uma dinâmica positiva não teria ocorrido.

2.3 Estágio Supervisionado III - Escola estadual Frei Silvio Vagheggi:

A Escola Estadual Frei Silvio Vagheggi está localizada na rua Tapajós sem número, Centro de Manaus. É uma escola apenas de Ensino Médio, atendendo ao público do primeiro ao terceiro ano do Ensino Médio, tem um sistema de horário flexível, de modo que o estudante pode chegar para assistir a partir da segunda aula ou do recreio sem problemas.

O setor administrativo por parte da direção é autoritário, discriminatório e segregado; a gestora é uma mulher obtusa que desenvolveu uma antipatia gratuita por mim, talvez por minha cor de pele, talvez por minha orientação sexual você escolhe, essa mulher terrível me olhava com desprezo e se recusava a falar diretamente comigo, mesmo que eu estivesse na frente dela, minhas atitudes sempre foram as mais adequadas para um cavalheiro que leu *O Príncipe*, de Nicolau Maquiavel, sempre a cumprimentava respeitosamente e adequadamente ela se recusou a deixar iniciar o estágio. Por sorte todas as intuições do Governo do Estado têm um acordo de ceder espaço para estagiários em suas escolas.

Esse impasse só foi resolvido quando a professora Eneila em pessoa foi até a escola falar a meu favor, apoiada pelo professor supervisor e todos os demais professores. Por que eu simplesmente não mudei de escola? Simplesmente pelo fato de fazer algumas disciplinas a tarde e todas outras escolas próximas da ESAT já estavam com limite de estagiários, era uma questão de necessidade em chegar na hora que o almoço seria servido no RU da Universidade, corpo forte, mente forte! No recreio todos eram liberados ao mesmo tempo não havendo grandes problemas pelo fato de a maioria dos estudantes estarem na mesma faixa etária.

O professor supervisor é formado em música na UFAM, também é professor da UEA, o que facilitou o diálogo entre nós dois. O professor ministra as aulas de artes para todas as três turmas do primeiro ano do Ensino Médio da escola, a aula dele embora seja de artes é muito tradicional seguindo o molde de carteiras enfileiradas e professor discursando, também seguia o livro disponibilizado pela escola à risca, seguindo a mesma ordem de conteúdos que o livro, este comportamento me fez caracterizá-lo como texto centrista.

O Estágio III consistiu em acompanhar o professor supervisor nas três classes do primeiro ano do Ensino Médio que o mesmo lecionara na Escola Estadual Frei Silvio Vagheggi. Foi um estágio de 40 horas sendo divididas dez horas para observação dez para monitoria e vinte para regência, foi um breve, porém, prazeroso estágio. Iniciei no dia dezoito de março do ano 2019 terminei no dia 05 de abril de 2019.

No primeiro dia como estagiário na Escola Estadual Frei Silvio Vagheggi acompanhei o professor de Artes com formação em música em uma sala do primeiro ano do ensino médio. Ao entrar na classe os alunos estavam estranhamente comportados, somente algumas conversas paralelas, contudo assim que o professor passou a escrever os alunos param a conversa ao final da escrita no quadro branco ele pede o caderno para conferir o texto da aula anterior e conferir nota ao texto.

Ao decorrer dos dias somos recepcionados por bons dias acalorados de alunos agitados a solução encontrada pelo professor foi fazer ditado, ditar o texto do livro, depois o professor ao final da aula fez uma breve explanação sobre o assunto visto. Toda rotina do professor se baseia em simplesmente fazer a chamada escrever no quadro ou ditar os textos do livro História da Arte da autora

Graça Proença⁴, fico imaginando se o objetivo do professor não seria transcrever o livro da autora para os cadernos já que ele não faz qualquer tipo de avaliação.

Ao decorrer da observação em um ponto onde alunos e professor estavam acostumados com minha presença fomos para uma sala de aula após o recreio dos alunos, a sala estava completamente agitada de modo que o professor recorreu a bater forte na mesa para chamar atenção dos alunos que logo assustados se voltaram para nos ver em sala, o professor seguiu seu método fez chamada pediu que todos dispusessem cadernos nas carteiras para escrever o texto ditado por ele.

A rotina do professor é sempre a mesma, seguida religiosamente entrar cumprimentar com bom dia fazer a chamada copiar no quadro esperar que todos copiem explicar sobre o assunto tempo em média que o sinal acena para mudarmos de sala hoje aconteceu algo fora da rotina um dos alunos desrespeitou o professor jogou um papel amassado e xingou de velho enquanto o professor levou o aluno a sala da direção da escola eu fiquei com o restante da turma, quando dei início aquela velha história, o que vocês vão ser quando se formarem? Houve inúmeras respostas diferentes inclusive alguns engraçadinhos falando bobagens sobre ser gari, nessa altura eu e a turma já tínhamos uma relação de amizade e cumplicidade já estava bem seguro para a próxima etapa do estágio que viria ser a monitoria onde eu seria o professor auxiliar.

Ao cumprir exatas dez horas de observação informei ao professor que agora eu já poderia estar monitorando a aula dele, oferecendo apoio pedagógico, fazendo chamada, contudo, pude perceber certa resistência do professor em dar-me alguma função já que suas aulas se baseavam apenas em chamada e cópia do texto sem isso ele não tinha mais nada para fazer na sala. A primeira aula eu continuei na minha cadeira ao lado da mesa dele, continuei a aula inteira assim. Na próxima aula ele pediu que eu copiasse o texto no quadro enquanto que no final da cópia ele explicava o assunto. Fomos seguindo esse método, agora ele fazia a chamada eu escrevia o texto no quadro e ele explicava e, por serem fatos históricos, eu sempre dava minhas contribuições correlacionando com o teatro.

⁴ PROENÇA, Graça. Descobrendo a História da Arte, 2019. Editora Ática.

A essa altura do estágio eu já estava preso ao sistema do professor em apenas esperar para passar o tempo copiava os conteúdos fazia chamada e explanava de maneira muito rasa. Então como eu não poderia render-me a esse sistema pernicioso vi no conteúdo do Período do Renascimento uma oportunidade para dar aula e ainda fazer uma prática para mudar a rotina da classe. Eu pedi do professor para dar aquela aula e o expliquei como seria dada, porém, ele ofereceu resistência já que minha proposta era afastar as carteiras para dar espaço para pratica e não haveria registros no caderno para ele dar a nota. Meu argumento foi que ele poderia usar esse sistema de conferir nota a todos que estavam presentes e ele poderia fazer o controle através da frequência, ele concordou.

Segundo Spolin (2010, p. 12),

As técnicas teatrais estão longe de ser sagradas. Os estilos em teatro mudam radicalmente com o passar dos anos, pois a técnicas de teatro são técnicas da comunicação. A existência da comunicação é muito mais importante do que o método usado. Os métodos se alteram para atender as necessidades do tempo e espaço.

Nesse contexto, mesmo se tratando de desorganizar meu planejamento, me joguei para oferecer uma aula diferenciada e mais atrativa. A aula foi de total fora dos meus planos de aula, pois eu estava sendo forçado a seguir o assunto do livro. Então, no primeiro momento afastamos todas carteiras para darmos início a prática, a maioria dos alunos estavam felizes com o formato da nova aula, no entanto, uma menina de aparência muito desleixada e aparentemente com muito sono não queria entrar na roda.

Fiz o círculo com os alunos e explanei o período, entendido como o Renascimento foi quando o homem, logo após a Idade Média buscava um renascer da cultura clássica Greco-Romana. Propus o coro Grego, fui instigando para saber tudo que eles conheciam sobre a cultura Grega, essa aula foi interrompida pelo final do tempo de aula curtíssimo. A aula de artes no próximo encontro ao chegarmos, para minha surpresa as carteiras já estavam afastadas, para darmos continuidade a aula continuei explanando brevemente sobre o coro grego e o estilo grego, então, dividimos a turma em dois grupos um que queria se experimentar em cena e o outro que queria apenas observar, e fomos experimentar, eu dava as instruções enquanto eles se experimentavam em cena,

nesse caso trabalhamos a leitura da carta de Pero Vaz de Caminha no estilo de coro grego, a escolha do texto foi por eles já estarem lendo esse texto para a semana literária que estava havendo na escola. O trabalho foi continuado de modo que eles pudessem acessar a construção do conhecimento sobre o teatro como arte humana.

Finalmente, chegou a hora tão aguardada por mim e pelos alunos da primeira série da escola Frei Silvío, fomos à prática, agora com as práticas o professor cedeu o tempo para que eu realizasse minha regência na escola. Primeiramente, eu pedi para que afastassem as carteiras, de modo que tivéssemos acesso a um lugar amplo e livre de obstáculos, as turmas nessa escola não são grandes de modo que cada turma tem em média 25 alunos. Sem nenhuma resistência os alunos afastaram as carteiras, organizei um círculo, com todos de mãos dadas, primeiramente fiz um aquecimento, alongamos o pescoço, braços e pernas com exercícios simples, muito usados por atletas e outros profissionais, a partir de então explanei o que é um jogo teatral e como ele prepara o ator/jogador para uma cena. Nesse momento, todos estavam muito eufóricos com a vivência de um novo método de ensino, que une prática a teoria. Para acalmá-los e trazê-los de volta para a mim fiz o jogo clássico do ESPELHO (SPOLIN, 2010, p. 68), primeiramente expliquei o jogo, quais eram as regras do jogo, todos prontamente fizeram duplas de modo que rapidamente todos estavam prontos para o jogo.

Ao iniciar o jogo explanei qual era a finalidade do jogo que seria um jogo de atenção concentração e criatividade já que estavam livres para criar gestos e a precisão com que os dois quase sincronizados precisavam se mostrar foi um jogo muito bem executado antes que o tempo terminasse mudamos de comando, quem estava comandando a ação agora repetia precisamente em sincronia o exercício do colega, pena que o tempo de aula foi muito curto, então, avisei-lhes que na próxima aula de artes antes dos professores adentrassem na porta que eles preparassem o local de ensaio, fomos para as demais salas de primeiro ano e no final da aula já lhes dava o recado que preparassem a sala para o próximo encontro. Tudo ocorreu perfeitamente em todas as classes, os estudantes aderiram a ideia rapidamente, mudar aquela rotina de cópias de livros foi um alento para todos eles. Como estávamos na semana literária do ensino médio as classes da primeira série se uniram para dramatizar através de

improvisações, a chegada dos invasores portugueses ao Brasil, a partir da carta de Pero Vaz de Caminha.

Como enredo das cenas, o próximo encontro e para nossa surpresa a sala já estava preparada e os alunos estavam em círculo se alongando, esse ato nos rendeu mais tempo para executar os jogos, ao final do alongamento dei o comando para andarem pela sala livremente de modo que não poderiam se esbarrar e ocupar todos os espaços, no decorrer da atividade fui passando comandos, tais quais, velocidade um eles caminhavam normalmente, a dois em câmera lenta, e a velocidade três caminhavam muito rápido, então, explorei os planos baixo, médio e alto, seguindo as velocidades, ao decorrer da atividade exercitei a dramaticidade do jogo fazendo-lhes imaginar que durante essa caminhada estavam em um lugar muito frio, quente, chovendo, feliz, triste, chorando e gargalhando, ao final do exercício aproveitei para organizar pequenas equipes para fazer uma improvisação de uma cena cotidiana que eles quisessem abordar. Ainda nesse momento lhes dei a instrução das estruturas funcionais para se construir uma cena, ainda que curta, deveria contemplar início, meio e fim de maneira coerente respeitando o que se quer mostrar com essa cena, quem é a personagem e onde está acontecendo.

Para essa atividade segui as sugestões e lembretes de Viola Spolin no livro *Improvisação para o Teatro*:

1. Não apresse os alunos atores. Alguns alunos necessitam sentir-se à vontade, sem pressa. Dê as instruções calmamente, quando necessário. "não se apresse". "Nós temos muito tempo." "estamos com você."

5. Como fazemos alguma coisa é o processo de fazer (aqui e agora!). Planejar o como torna o como torna o processo impossível e constitui uma resistência ao ponto de concentração, e nenhuma explosão ou espontaneidade pode acontecer, tornando impossível qualquer mudança ou alteração no aluno-ator. A verdadeira improvisação reforma e altera o aluno-ator pelo próprio ato de improvisar. A penetração no POC, o contato direto e o relacionamento com outros atores resultam numa mudança, alteração ou nova compreensão para um, para o outro ou para ambos. Durante a solução de um problema de atuação, o aluno se conscientiza de que ele atua e estão atuando sobre ele, criando desse modo processo e mudança em sua vida de palco. Essa compreensão adquirida permanece com ele no seu dia a dia pois quando um circuito é aberto, por assim dizer, pode ser utilizado a qualquer momento.

7. Procure manter sempre um ambiente de trabalho onde cada um possa encontrar sua própria natureza (incluindo o professor ou o líder do grupo) sem imposição. O crescimento é natural para cada um. Método de tratamento inflexível.

8. um grupo de indivíduos que atua, entra em acordo e compartilha, cria uma força e liberação de conhecimento que ultrapassa a contribuição de um único membro. Isto inclui o professor e líder do grupo.

13. Seja flexível. Altere seus planos no momento em que achar aconselhável, pois quando o fundamento em que está baseado este trabalho for compreendido e o professor conhece seu papel, ele poderá inventar muitos exercícios e jogos para enfrentar um problema imediato.

16. A essência da improvisação é transformação.

18. Se o ambiente de trabalho for alegre e livre de autoritarismo, todos “estarão no jogo” e se tornarão abertos como as crianças.

35. Invenção não é o mesmo que espontaneidade. Uma pessoa pode ser muito inventiva sem, contudo, ser espontânea. A explosão não acontece quando a invenção é meramente cerebral e, portanto, somente uma parte ou abstração do nosso ser total.

36. O professor-diretor deve aprender a saber quando o aluno-ator está realmente experienciando, caso contrário pouco será obtido do problema da atuação. Pergunte-lhe!

38. Permita que os alunos encontrem seu próprio material.

48. Não ensine. Exponha os alunos em ambiente teatral e eles encontrarão seu próprio caminho.

52. Criatividade não é rearranjo, é transformação.

54. A imaginação pertence ao intelecto. Quando pedimos a alguém que imagine alguma coisa, estamos lhe pedindo que penetre em seu próprio quadro de referência, que pode ser limitado. Quando pedimos que veja, estamos colocando-o em uma situação objetiva, onde pode ocorrer a penetração no ambiente e na qual a consciência maior é possível.

81. É necessária coragem para penetrar no novo, no desconhecido.

86. Improvisação não é troca de informação entre jogadores, é comunhão. (2010, p. 32 a 40)

Observamos em Viola vários pontos importantes para o amadurecimento do docente de teatro, inclusive conselhos de superação e resiliência, e foi, me inspirando nesses lembretes que consegui dar prosseguimento ao Estágio III, apesar de todas as problemáticas já relatadas.

Voltando à atividade, todos se organizaram rapidamente e construíram suas cenas, no entanto, fomos interrompidos pelo final do tempo da aula, mas com o compromisso de apresentar na próxima aula.

A aula de exposição das cenas criadas durante minha última visita à turma, assim que adentramos o professor e eu nos deparamos com uma sala preparada e as turmas já organizadas, quem seria a primeira equipe até a última, o que me deixou satisfeito por trabalhar nessa escola. Vários temas foram abordados mais o que realmente chamou atenção foi o comprometimento desses alunos para realizar um trabalho, até então novo na escola, embora enfrentasse resistência por parte da gestora, todo resto do corpo docente e discente me recebeu com admiração e respeito isso facilitou muito meu trabalho

nessa escola, minha passagem pela escola foi muito suave e tranquila deixando gostinho de quero mais.

2.3 Estágio Supervisionado IV - CEJA Professor Paulo freire

O Estágio IV é desenvolvido ou na Educação de Jovens e Adultos ou em espaços não formais; eu optei pelo EJA, pois desejava passar por todos os níveis da Educação Básica.

O CEJA Professor Paulo Freire está localizado na Avenida Airão, número 60, Centro de Manaus, recebe educandos do Ensino Fundamental II, essa escola segue um modelo para acelerar as séries, a fim de avançar nos estudos os anos letivos perdidos por esse público que era bem variado desde adolescentes até senhoras e senhores de meia idade e idosos. O público dessa escola é geralmente, pessoas com problemas com a justiça, alunos adictos e também pessoas que por algum motivo na vida não teve oportunidade para estudar na idade esperada e agora tem motivação para recuperar o tempo perdido.

O sistema de horários da escola é fixo e rígido, não permitindo a entrada do estudante que se atrasasse, a estrutura física da escola é uma loja adaptada em escola, as salas de aula são divididas por um material de madeira compactada e fina de modo que se uma turma estivesse alvoraçada atrapalhava a aula da sala ao lado, além do andar térreo tem um primeiro andar acessado por uma fileira de escadas de ferro onde as salas são dispostas umas de frente as outras, as duas salas frontais tem uma parede panorâmica com grandes vidraças em laminas transparentes dando assim uma visão panorâmica da rua. O recreio é organizado de forma que uma sala saia por vez, a fim de evitar aglomerações que possam gerar tumultos conflitantes, o diretor Júlio foi um homem muito distinto e educado que me acolheu na escola de braços abertos.

A professora Patrícia é licenciada em artes plásticas pela Universidade Federal do Amazonas, leciona em dois turnos no CEJA Paulo freire, de maneira que mudava de salas de acordo com os tempos da escola, nesse caso a professora adaptava suas aulas para o modelo escola tradicional, onde as carteiras são organizadas rigorosamente em fileiras e os professores visam não interferir na organização das salas, ela mesma planeja e organiza os temas abordados por ela usando a recomendação de livro da SEDUC apenas como suporte em suas aulas.

No Estágio IV acompanhei as aulas de artes da professora de Artes durante o turno matutino, no CEJA Professor Paulo Freire que teve início no dia 05.06.2019 e término no dia 28.06.2019. No total de 40 horas divididas em 10 horas de observação, em que apenas acompanhava a professora para observar de forma passiva o perfil das turmas; 10 horas como monitor onde dei apoio ao trabalho da professora escrevendo alguns textos, fazendo chamada e até mesmo dando algumas aulas seguindo o plano de aula da professora com ela apenas guiando como suporte.

Fui muito bem recebido pelo corpo docente no CEJA Paulo Freire, nessa instituição a professora leciona Ensino da Arte todos os dias da semana para alunos que por vários motivos não estão no nível serial que deveriam estar, portanto, são enviados para o CEJA para acelerar os estudos e poder se encaixarem ou não no período letivo normal. Ao entrar nas várias turmas que fomos ao primeiro dia, apresentei-me e explanei um pouco sobre o que é o Estágio Curricular Supervisionado para que serve e período que devo acompanhar a professora nas salas de aula. Uma coisa que notei foi à disparidade de idades, rapazes e moças muito jovens até senhoras na terceira idade. Em todas as turmas não há uma uniformidade de faixa etária, isso me chamou bastante atenção porque muito jovens demonstram desinteresse nos estudos enquanto os mais velhos querem realmente recuperar o tempo perdido fora da sala de aula.

No decorrer dos dias, no período de observação, pude perceber que os alunos têm um tema preferido para os debates não formais na sala de aula eles falam muito sobre drogas ilícitas e uma expressão “puxar uma cana” que seria ir para a cadeia, ao comentar essas conversas com a professora ela informou-me sobre qual público o CEJA recebe que a maioria está cumprindo medidas socioeducativas e toda sorte de pessoas corruptas estão ali e para eu ter cuidado com as minhas coisas, não foi a melhor informação que gostaria de ter recebido. Contudo isso despertou um desejo em mim de querer ajudar a mudar esse comportamento, tanto dos professores com os alunos e dos alunos com os professores. Aquele ambiente, existe uma tensão, não aquelas que sentimos em dia de prova, os professores temem os alunos e isso cria uma barreira na comunicação e no contato de sala de aula.

Observei que os professores são bastante conteudistas, inclusive a professora de arte não dá prática, ao longo da observação pude ver o enorme desinteresse que esses alunos têm para com o ensino, não importa o quão incrível a aula esteja planejada eles estão no tempo deles, conversando entre si ou olhando fixamente para frente quando a professora os chama atenção, mas é visível que não estão interessados em nada, quando são questionados sobre algo se desvencilham da pergunta ou simplesmente dizem não sabem e não podem responder. A professora já os conhece e tem o jogo de cintura com eles e acaba tendo um diálogo que por muitas vezes foge do tema da aula, contudo ela os faz falar. Na hora do recreio a maioria dos alunos que não vai estudar e só está ali porque são obrigados pelo Estado, como medida socioeducacional, se misturam com outras turmas, que são liberadas e vão embora. Deixando assim salas de aula praticamente vazias restando apenas três ou quatro alunos na sala. Existe uma sala com uma parede panorâmica de frente para uma avenida movimentada, é uma sala bem grande, comparando com as outras, no entanto, a parede de vidro irradia a luminosidade do sol vespertino que fere os olhos e arde na pele. A professora diz que ali é uma turma grande. No entanto, desde quando entrei no estágio só frequenta a turma três rapazes e duas moças.

Essa turma da sala com a parede panorâmica é a mais uniforme etariamente e a menor em quantidade de alunos para trabalhar, é uma turma amistosa, as idades variam de 16 a 17 anos, a professora sempre diz que ao finalizarem essa etapa eles poderão dar início ao ensino médio com sequenciamento normal, ou seja, cursar as três séries do ensino médio. Essa é uma turma com adolescentes na fase da curiosidade de todo adolescente, não existe neles inclinação para o mundo do crime, tanto os rapazes quanto as moças são bastante focados nos estudos e na melhoria de vida. Esse foi o período de observação que cumpri as dez horas exigidas pelo estágio curricular obrigatório.

O dia começou quando informei a professora, ainda na sala dos professores, pois tínhamos esse tempo todos os dias antes da aula começar, o café da manhã dos professores que podíamos ter um diálogo, agora já poderia estar monitorando-a, pois acabara de se iniciar meu período de monitoria. Nesse dia a professora não se sentia muito bem e pediu para eu escrever o conteúdo que ela estava desenvolvendo com as turmas, Artes no Renascimento, eu copiei

enquanto ela comentava e explanava sobre o assunto de forma que me incluía no debate, fazendo-me perguntas sobre o período, como eu já domino o tema, por ter uma disciplina na Universidade chamada História da Arte. O livro da autora Graça Proença, me deu argumentos para debater com a professora e as aulas foram muito inclusivas e suaves. Ao decorrer da semana uma das professoras sofreu um furto em sala de aula, alguns rapazes levaram a bolsa da professora, foi uma situação muito constrangedora. Isso me motivou a fazer uma atividade que eu sempre faço com turmas de escolas problemáticas, a atividade consiste em fazer um círculo e responder as seguintes perguntas; quem eu sou, quem eu quero ser, e o que me impede de ser quem eu quero ser? Toda essa atividade é escrita em papéis separados por perguntas, de modo que ao final se inicia um debate discutindo sobre todas as respostas de forma anônimas. O facilitador tem a função de ler a pergunta e cada uma das respostas provocando um debate com opiniões favoráveis e contrárias, de forma que no final da atividade todos estão reflexivos sobre suas atitudes.

Segundo Spolin (2010, p. 29), é aconselhado que o professor apresente o problema e se retire da posição de condutor do exercício e se torne parte do grupo, assim, os indivíduos lançarão ideias e o professor será capaz de auxiliá-los em suas reflexões. Desta forma, conduzi a atividade me colocando no lugar de um jogador, também, o que impulsionou a participação de todos.

Fomos dando seguimento no decorrer da semana com o conteúdo sempre seguindo o mesmo modelo eu copiava e a professora explanava, até um senhor pedir para eu copiar com letras maiores, pois ele tinha dificuldade para ver minhas letras e acrescentou que minha letra cursiva era difícil de entender, foi então que a professora retornou a copiar durante a monitoria pude observar vários desvios de caráter ético e moral em alguns alunos o que não me deixou com medo visto que deveriam ser pessoas adultas dando uma acelerada nos estudos para recuperarem.

Ao seguir, como assistente da professora, numa quinta-feira ela terminou o assunto mais cedo e pediu para eu fazer alguma atividade com eles, que envolvesse minha área do teatro, então, propus um jogo que foi instantaneamente rejeitado, os alunos estavam com muita preguiça e não demonstraram nenhum interesse em uma atividade prática. Essa situação me fez ficar bastante chateado com aquela turma inteira, na 1º fase, turma 5, cometi

um erro que nenhum professor deve cometer, se bloquear para uma turma. De repente ao passar pela sala dos professores somos inteirados de mais um fato ocorrido na escola, cinco estudantes foram flagrados pelo diretor em pessoa fumando maconha na sala de aula, o diretor informou aos professores que não haveria outro jeito, eles seriam transferidos para outra escola perto da casa deles. Contudo encontrar uma escola no ensino regular que aceite estudantes problemáticos vindos transferidos de outra instituição no meio do ano é muito difícil então para quem não quer realmente estudar isso será só mais uma desculpa para parar os estudos, o que eu achei errado, já que o EJA tem essa função de letrar esses alunos. E mais uma vez ouço o discurso de que o público da instituição são pessoas cumprindo medida socioeducativas e que os professores fazem o que podem, mais uma vez a alta carga horaria e o baixo salário é posto em discurso e a única coisa que posso fazer é ouvir e anotar.

A instituição vive um medo velado, não podem rejeitar os cumpridores de medida socioeducativa e, também não os aceitam, contudo o que se vê entre os estudantes é uma estranha amizade baseada em troca de silêncio por segurança ou simplesmente silêncio para ser deixado em paz. Como estagiário não tinha muito como ajudar integrar essas pessoas, mas poderia ajudar a desenvolver o respeito ao próximo, por meio de jogos dramáticos do teatro do oprimido. de Augusto Boal muito aclamado no teatro.

Minha primeira aula regendo uma turma acabou sendo com a turma que eu mais gostei no EJA, primeiramente explanei o assunto e depois partimos para a prática, o que houve resistência por parte de duas moças que estavam muito alteradas por conta do consumo de drogas, porém, esse fato não alterou o desenvolvimento da aula. Fui apenas seguindo o plano de aula, etapa por etapa e nos divertimos muito, nessas turmas o plano 1 tinha como objetivo fazer os alunos ter contato com as estruturas operacionais de um jogo teatral e possibilitar uma experiência com técnicas na forma de vivência com jogos.

Organizei o círculo para que todos pudessem ver os rostos dos colegas de turma e, a partir disso os dividi em duplas e expliquei o jogo chamado Espelho, onde um é o espelho e o outro o comando. O espelho deve repetir os gestos e movimentos do comando, após o jogo falei que o objetivo desse jogo era integrar a turma para a execução do próximo jogo. Ao fim do jogo iniciamos o jogo na sequência que foi uma atividade em grupo, um único grupo pelo fato da turma

ser pequena, esse jogo consistia em os alunos caminhando pela sala ocupando todos os espaços e quando eu dava o comando eles gritavam, pulavam, sentavam-se, fingiam estar se banhando ou ficavam estátua. Foi uma experiência nova para eles e muito divertida visivelmente, por eles saírem do padrão sistemático no modelo escola tradicional todos sentados enfileirados o próximo passo foi todos sentados no chão em círculo criar uma história que deveria ser criada em grupo e sequenciada pela próxima pessoa até todos do círculo participarem com sua contribuição na contação da história.

Na sequência após os jogos eu interpretei uma cena para todos observarem e identificarem na cena: o que acontece? Com quem acontece? E onde acontece? Todos estavam muito atentos à cena e não encontraram dificuldade em responderem corretamente ao problema. A cena se trata de um senhor de idade atravessando uma rua para ir a uma panificadora e, então, comprar pão e retornar. A experiência com essa turma foi realmente magnífica consegui cumprir meu plano de aula com apenas algumas poucas adaptações.

O próximo encontro seria uma turma um pouco maior, contudo, como outra turma estava sem professor, a professora decidiu juntar as duas, o que foi muito difícil, pois a turma que entrou era a turma objeto do meu desgosto. Aqueles alunos sem educação e modos, fazendo piadas de baixo calão, isso me deixou inseguro e me travou de modo que não pude dar uma aula tão boa quanto a anterior. Essa turma não tinha nenhum interesse em participar da aula, e a todo momento eu precisava chamar atenção de algumas pessoas para prestarem atenção na minha aula, isso me deixou muito chateado. O tempo seguinte foi vago e pude conversar com a professora que também notou a minha oscilação durante a aula, então conversamos sobre como lidar com essas turmas descompromissadas e no outro tempo fomos para uma turma que os professores chamam de comportamento pesado.

Ao chegar à turma cumprimentei com boa tarde e iniciei imediatamente copiando no quadro o que são jogos teatrais e para que servem, de acordo com Viola Spolin. Fui interrompido pelo questionamento de uma aluna viciada em craque que estava visivelmente alterada, exigindo que a professora copiasse no quadro branco porque ela não conseguia entender minha letra, essa aluna falou isso de maneira tão desrespeitosa que a partir de então passei a ler o texto em alta voz palavra por palavra, alguns de seus colegas de turma alegaram que ela

estava “panicada”, gíria que quer dizer que está alterada pelo uso de substâncias ilegal, a professora tomou a palavra para lhes informar que no período de 20 horas eu estaria ministrando aulas de teatro para todas as turmas e isso fazia parte do meu planejamento no Estágio Curricular Supervisionado todos deveriam prestar atenção e participar, pois estariam sendo observados e avaliados por ela.

Com a interferência da professora Patrícia a meu favor todas as aulas por mim planejadas foram executadas, sistemicamente, uma após a outra, de forma que não tive contratempos, a essa altura eu já estava familiarizado com esses alunos e já tinha o jogo de cintura para lidar com aquele público, no final das contas essa foi uma das melhores experiências que pude ter, pois fui movido pelo desafio em tentar ajudar essas pessoas a encarar o mundo e suas próprias vidas de maneira mais saudável e esperançosa.

Na última aula fizemos alguns esquetes do jogo do Teatro do Oprimido, onde eles apresentavam cenas com uma pessoa oprimindo outra e a plateia poderia interferir na cena ou mudar o direcionamento. Foram jogos bem elaborados e bem executados, sempre com desfechos surpreendentes, de como eles resolveram uma cena sobre violência doméstica, em que o marido agredia a esposa optando por não usar violência para conscientizar aquele homem ao invés de quebrar ele na bordoadada foi magnifico isso me deu um feedback da transformação que minhas aulas impactaram no comportamento daqueles alunos finalizei a aula com muito aplausos e inesperados abraços seguidos de agradecimentos por parte deles.

CONSIDERAÇÕES:

Ao refletir sobre meu relato pondero minha coragem para enfrentar a regência no Estágio Supervisionado Obrigatório, posto que, nem todas as atividades foram animadoras. Entretanto, foram aprendizados indispensáveis para o fortalecimento da minha formação acadêmica, pois vivenciei experiências que só a Universidade não poderia me proporcionar.

Aprender a dirigir uma classe com tantas disparidades sociais e educacionais foi o maior desafio para mim, os planejamentos que realizamos para os estágios, o preparo nos componentes de metodologias foram

fundamentais para que eu encontrasse apoio nos momentos em que necessitei de um Plano B e não desistisse da docência.

A diferença das turmas, mesmo sendo na mesma série é incrível, nem sempre o que funciona com uma turma, funciona com outra da mesma idade, da mesma escola, do mesmo professor. A maior lição que fica, é que é fundamental o professor ter suas aulas preparadas, estar em constante aprendizado, fazer anotações quando do diagnóstico das turmas e pesquisar, pesquisar sempre novas formas de ensinar e aprender.

Todos os desafios que enfrentei: rejeição da direção, desconfiança dos professores, desrespeito de alunos, abandono dos Sistemas Educacionais foram de suma importância para me colocar entender as redes que se estabelecem em cada escola, com cada professor e, assim, refletir sobre o meu futuro lugar de docente de teatro e, desde já, me debruçar a pesquisa de outras experiências que possam dar suporte quando eu estiver em sala de aula efetivamente.

No futuro, talvez eu seja um professor cujas turmas sejam comportadas ou talvez desajustadas, mas trago da minha vivência como acadêmico do Curso de Teatro e como Estagiário a certeza de que meu compromisso é mais que dividir ensino, é sobretudo de aprendizagens, pois cada ser humano traz sua bagagem de vida e, na sala de aula dividem conosco.

REFERÊNCIAS

SILVA, Tharciana Goulart da; LAMPERT, Jocielle. Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes Visuais no contexto brasileiro. Revista Matéria-Prima, 2017. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28262/2/ULFBA_MatPrima_V5N1_p.88-95.pdf. Acesso em: 13 mai de 2022.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. Metodologia do ensino de teatro. Campinas/SP: Papyrus, 2001.

KOUDELA, Ingrid Dormien. Jogos teatrais. São Paulo: perspectiva, 2009. (Debates; 189/dirigida por J. Guinsburg).

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 2010.

